

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

íntegra. Em abono do que afirmamos, veja-se como no corpo do dicionário se encontram alguns dos verbos mais vulgares:

«αἶρω [contr. de ἀερω]»;

«αἶρω-ώ [aor. εἶρω, etc.]»;

«εἶρω [aor. ἔσρω, etc.]» :

«ὄρω-ώ»;

«φε'ρω».

Senão da obra é também aquele que já apontámos quanto ao *Dicionário Latino Spes*: o facto de, juntamente com exemplos de frases, não se mencionarem os autores delas. E a falta de indicação das quantidades silábicas, mormente quando o léxico procura ser instrumento de interpretação de textos poéticos.

#

Perante as vantagens, na verdade concretas e apreciáveis, oferecidas pelas obras que acima apresentámos, apoucam-se e reduzem-se os defeitos apontados, que futuras edições poderão remediar. E, assim, é-nos grato concluir que a *Editorial Spes*, com as duas publicações, concorreu para a eficiencia do ensino médio das letras clássicas em Espanha.

AURÉLIO PEIXOTO PAIS TAVARES.

JOSÉ GUILLEN — *Gramática latina (histórico-teórico-práctica)*.

Salamanca, Ediciones «SIGUEME», 1949. 431 pp.

Precisamente dois anos após o aparecimento da 1.^a edição, apresentamos o Prof. José Guillén, cuja actividade científica se encontra enaltecida em outro lugar da «Crítica bibliográfica» deste volume, a 2.^a edição da sua *Gramática latina*.

Só o facto de ter sido adoptada nas universidades, seminários, institutos e colégios como livro de texto, mostraria que se trata de uma obra de valor reconhecido. E, na verdade, é um compendio original e da maior utilidade, que auxilia e facilita a tarefa dos escolares, reduzindo a princípios lógicos muitas leis gramaticais de difícil interpretação.

Mas o seu mérito é ainda mais evidente, ao verificarmos que o Autor, afastando-se do critério comumente seguido em obras congêneres, adopta, lado a lado, os métodos da gramática tradicional e da gramática histórica, colhendo assim os proveitos e vantagens pedagógicas que o uso de um só não poderia conceder.

Pena é que não nos seja dado apreciar, a um tempo, a *Gramática latina* e os volumes de *Composición y traducción*, *Clave del latín* e *Estilística latina*, que constituem, por assim dizer, o complemento prático da *Gramática* e para os quais se remete com frequência o leitor. Estaríamos, assim, em condições de apreciar melhor o alcance prático da obra, já que o valor científico da mesma não sofre discussão.

Poderemos nem sempre estar de acordo com a exposição do Autor ; mas apresentar honestamente as discordâncias legítimas é função da crítica e não envolve apoucamento. Apresentaremos, pois, um ou outro passo em que a exposição nos pareça menos clara ou expressiva, dado que a *Gramática* se destina também a estudantes do ensino secundário e, por conseguinte, iniciados nestes estudos.

Assim, escreve o Autor na p. 11, ao tratar das origens da língua latina : «La lengua indoeuropea, procedente de la India y de Persia, se extendió rápidamente por toda Europa, formando en ella diversos dialectos, entre otros el helénico, el itálico, el germánico, el céltico.»

Ora, não julgamos muito aconselhável indicar assim um lugar exacto de procedência da língua indo-europeia, quando se sabe como são arriscadas e inseguras as afirmações a este respeito, e tanto mais quando mestres na linguística, como Meillet e Vendryes (v. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, pp. 45^a da 2.^a ed.), sustentam categoricamente: «On ne sait exactement ni où ni quand s'est parlé l'indo-européen commun.» Por outro lado, parecendo-nos menos própria a expressão *dialecto helénico*, preferimos seguir ainda neste ponto os dois comparativistas citados e designar o grego como uma das línguas provenientes do indo-europeu comum, constituída por diversos falares, agrupados em quatro dialectos: o iónico-ático, o aqueu, o eólico e o grego ocidental.

Ainda neste parágrafo, quando se escreve que «no contenta Roma con las regiones limítrofes, empezó a ensanchar sus dominios por las islas del Mediterráneo; y España, Francia, Africa, Grecia, Asia, etc., fueron declaradas provincias romanas», talvez fosse preferível designar as regiões pelos nomes por que eram conhecidas dos Romanos, u. g., Gália em vez de França.

Ao referir-se o Autor às línguas românicas, enumera-as pela ordem seguinte: «el castellano con sus dialectos, el portugués, el gallego, el

catalán, el francés, el provenzal, el sardo, el rumano, el dalmático, el rumeno y el italiano.»

Tendo sempre em vista que a *Gramática* se destina também aos alunos dos institutos (correspondentes aos nossos liceus) e dos colégios, não nos parece inteiramente acertado que o Autor faça referencia só aos dialectos do castelhano e que deixe de lado um dos dois criterios hoje adoptados na enunciação das línguas românicas: a sua enumeração de ocidente para oriente ou de oriente para ocidente, que apresenta, sem dúvida, vantagens pedagógicas. Em Portugal adopta-se, geralmente, o primeiro dos critérios.

Não deixa também de ter os seus inconvenientes, num compêndio de doutrina actualizada, a inclusão do galego e do dalmático entre as línguas românicas. Vejamos como, em relação ao dalmático, já há muito Meyer-Liibke ditou estas palavras de ordem que justificam a sua exclusão das línguas novilatinas actuais (*Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*): «...as costas dalmáticas romanizaram-se tão intensamente como as italianas, banhadas pelo mesmo mar, e foi necessária a penetração eslava e a dos Venezianos para que ali percesse uma língua românica cuio último representante, o *veglioto* Udina, veio a acabar os seus dias em 1898.»

Menos claras nos parecem ainda afirmações como esta: «La *g* se representa siempre por *c*, como en *Cajus = Gajus*.» Seria, talvez, conveniente esclarecer que o primitivo alfabeto latino não tinha, com efeito, o *g*. «Em compensação tinha o ? arcaico (*X*) que, não sendo mais usado pela língua, foi abandonado.» (Ernesto Faria, *Manual de Pronúncia do Latim*, p. 27.)

«O *c* (transcrição do Γ) servia primitivamente tanto para notar a gutural surda (*Jc*) como a gutural sonora (*g*). Posteriormente foi acrescentado à parte inferior do *C* um pequeno traço horizontal, criando-se destarte um sinal especial (*G*) para a notação da gutural sonora. Plutarco atribui essa feliz inovação a Carvilio Ruga, mais ou menos em 462 a. C. Entretanto, é mais provável que seja do tempo do célebre censor Ápio Cláudio. No alfabeto o *G* tomou o lugar ocupado outrora pelo γ arcaico.» (Id., *ibid.*)

Bem ordenada e inteligente é a parte da exposição relativa às declinações. Parece-nos, contudo, um tanto ousado pretender demonstrar-se que o nominativo e o vocativo não são casos. É teoria interessante e algo original, que não queremos deixar de reproduzir:

«El caso es la posición relativa de un sustantivo respecto de otro. De aquí se sigue que un sustantivo puesto en un caso diga dependencia del

que ha motivado su posición en tal caso. Esta dependencia se indica con cierta caída de la posición recta del sustantivo. Luego donde no hay inflexión relativa no habrá más que nombre, ninguna dependencia ni caso del nombre. Así, pongo por ejemplo, *Petrus*, es nombre: *Petri*, *Petrum*, *Petro*, es un caso del nombre, porque son inflexiones de *Petrus*. Distinto es, por tanto, ser nombre y ser caso del nombre. El nombre, pues, no es caso.

«Síguese que, como el nominativo y el vocativo son *nombres* por indicar el primero la *sustancia* como acto operante, y el segundo como potencia a obrar, no significan noción alguna de dependencia, luego no son casos.»

Esta tese não pode, evidentemente, ser aceite sem reservas, porquanto está arquitetada sobre uma noção muito particular de *caso*.

No capítulo das preposições, cumpre-nos louvar o grande número de exemplos aduzidos para justificação dos vários empregos das mesmas. Contudo, também aqui, desejaríamos fazer uma observação de pormenor.

Lê-se, nas pp. 192,201 e 202:

«*PER* <skr. *pári*; a través de, durante, de punta a cabo.»

«*PRAE* <*prai* < skr. *pra*; delante, ante . . .»

«*PRO* y de origen incierto, pero casi común en todas las indogermánicas ; delante, antes.»

Trata-se de uma série de preposições herdadas do indo-europeu e que se ligam a um elemento radical **per*, que compreende, com diversas alternâncias vocálicas, além das preposições latinas mencionadas, também as seguintes: gr. *περί, παρά, παραλ, πάρος, ἑρὸς*, hom. *πρωτί*, cret. *πρωτι, προς*, eól. *πρες* e panf. *περτ-* (v. Meillet e Vendryes, *op. cit.*, pp. 522-523). Não julgamos, pois, aconselhável que a *pro* se atribua uma origem incerta.

O livro termina com um capítulo consagrado à prosódia latina e com um apêndice em que se incluem valiosas informações sobre o tempo, o calendário, os pesos, medidas, moedas, o exército e as magistraturas romanas, devendo salientar-se, de entre todas, as páginas dedicadas à métrica de Horácio.

Antes de concluirmos esta pequena notícia bibliográfica, sentimo-nos na obrigação de repetir que as nossas observações à *Gramática latina* do Prof. José Guillén em nada pretendem desvalorizar uma obra de muita informação e de acertada doutrina, por tudo digna do seu ilustrado Autor.